

Lost

Joao Batista¹

Resumo

Neste artigo apresenta-se um conjunto de ideias e conceitos que estão na base do trabalho *Lost*, nomeadamente a humildade e a relatividade perante o conhecimento. Apresentam-se ainda outras linhas de trabalho afins, nomeadamente de natureza fotográfica, assim como uma abordagem transmedia realizada a partir de uma sequência fotográfica. A abordagem transmedia revelou aspetos como a possibilidade de manter a coerência do mesmo material criativo através de diversos media.

Palavras-chave: fotografia, abstração, desfoque, conhecimento, transmedia

Lost, algumas considerações

Um dia em que se aprende algo pode ser um dia feliz. Na realidade, aprendemos sempre algo, todos os dias. No entanto, na maioria das vezes não nos apercebemos disso, ou apenas não pensamos nisso. Algo em que ainda pensamos menos é no que não aprendemos, ou seja, no que fica por aprender e descobrir. Esta ideia do que fica por aprender e descobrir tem-me acompanhado sempre. Posso assim ficar mais feliz porque aprendi algo e também porque isso me diz, uma e outra vez, que há ainda tanto mais para aprender, tanto conhecimento para descobrir e para construir. O conhecimento maior não é aquele que já detemos, mas o facto de sabermos que há tanto por aprender e descobrir, como já destacava Descartes.

Acrescente-se ainda a ideia da relatividade do conhecimento, ou seja, a ideia de que não existe um referencial absoluto que nos oriente. Tenho dificuldade em acreditar em dogmas e verdades genericamente aceites. Essas são sempre, para mim, objeto de questionamento. O referencial é individual, ou grupal, ou até societal, mas sempre independente dos referenciais dos outros indivíduos, grupos, ou sociedades. Ou seja, o conhecimento é relativo, depende do referencial, do ponto de observação.

Como corolário, sugiro a ideia da humildade sobre o conhecimento, no sentido em que nunca podemos verdadeiramente atingi-lo, mas apenas vislumbrar algumas das suas dimensões. Quando estamos confinados à dimensão do indivíduo, do grupo, ou de uma sociedade, podemos percecionar a existência dos outros, mas não podemos viver nem reviver as suas experiências. Por isso

¹ Joao Batista é doutorado em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pela Universidade de Aveiro. Professor Adjunto da Universidade de Aveiro. Email: joao.batista@ua.pt. Telefone: 963063447.

a necessidade da humildade sobre o conhecimento, no sentido apontado acima, da felicidade pela aprendizagem e pela descoberta de conhecimento.

Acrescento ainda que este questionamento me tem conduzido a uma perspectiva de transcendência. Não no sentido religioso, ou divino, mas da percepção de que o que podemos aprender, compreender, nos transcende. Por mais perspectivas a partir das quais observemos um objeto ou fenômeno, nunca conseguiremos compreender a sua verdadeira essência, ou seja, nunca conseguiremos compreender o conhecimento mais profundo e alargado relativo a esse objeto ou fenômeno.

Tenho procurado discutir estas interrogações através da criação artística. Em particular, tenho usado a fotografia, que é geralmente desfocada e a preto e branco, para exprimir estas questões. Porquê a fotografia? Principalmente por razões pragmáticas, porque tenho algum domínio da técnica. Porquê o preto e branco e a técnica da desfocagem? Porque deste modo consigo exprimir melhor as ideias e os conceitos, a sua sistematização, a sua abstração. Com estas técnicas, consigo afastar-me um pouco da realidade objetiva e distrativa e concentrar-me melhor no domínio dos conceitos e das ideias.

A expressão destas ideias iniciou-se principalmente através da série *Lost*. Figuras desfocadas (Figura 1), por vezes mesmo sem nada de figurativo, têm procurado mostrar algo para além do que é diretamente visível.



Figure 1 - *Lost(426)*, 2014

A captura destas imagens progrediu para outras séries afins, como *The Other Side* ou *Who Are You?*, e também para composições de imagens, de que são exemplo as composições *The Corner* (Figura 2) e *Two Ands* (Figura 3).



Figure 2 - The Corner, 2014

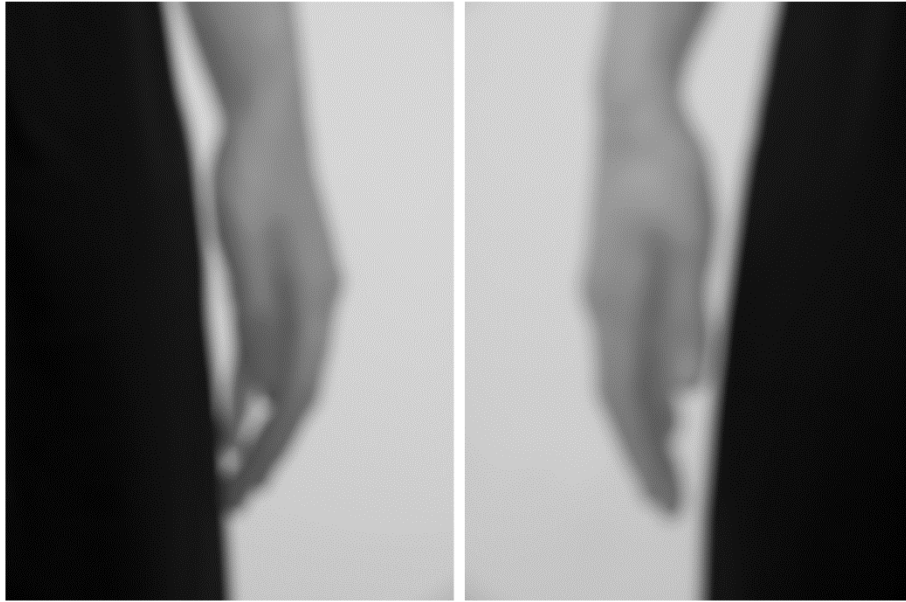


Figure 3 - Two Ands, 2014

As interrogações mantiveram-se, mas as abordagens passaram a incluir outros media e estéticas. Em particular, foram desenvolvidos *artist book* (Figura 4), vídeos e abordagens relacionadas com pintura.

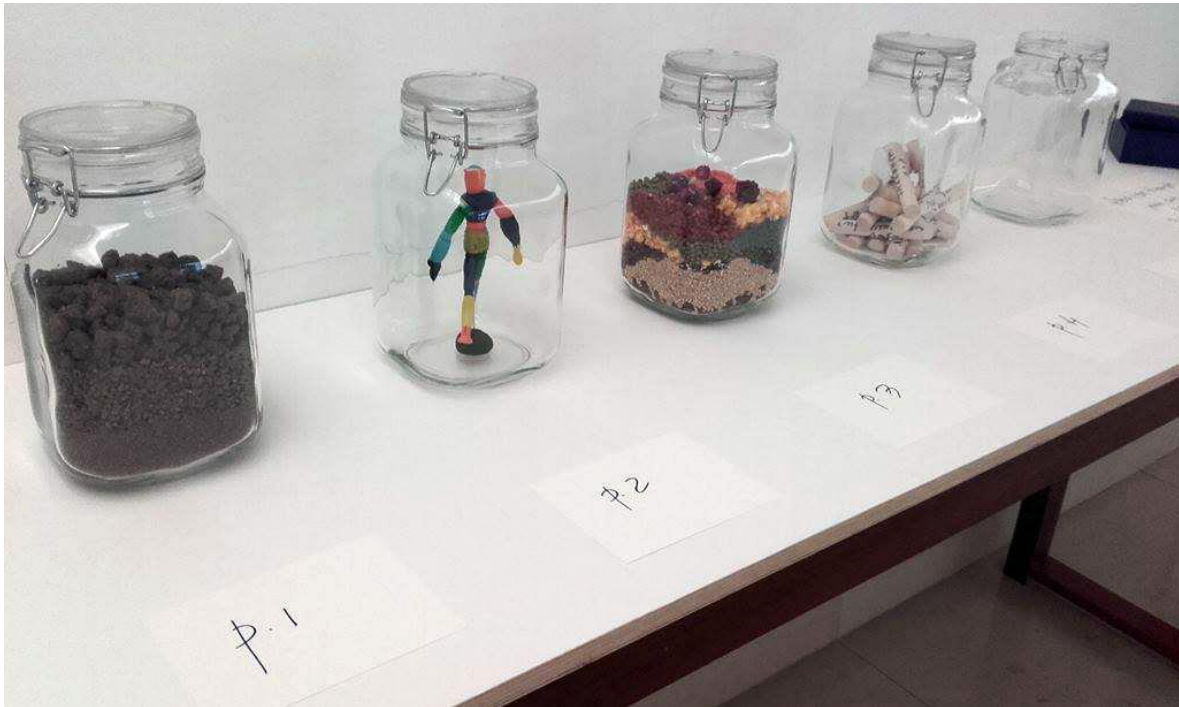


Figure 4 - Food for Thought, 2016

Dada a multiplicidade de media e tecnologias disponíveis atualmente, foi também explorada uma abordagem transmedia, o que significa que uma mesma narrativa é explorada através de vários media, construindo uma narrativa transversal a todos eles. No entanto, a abordagem a cada media deve ser suficiente para existir autonomamente. O ponto de partida nesta exploração transmedia é uma sequência fotográfica de vinte imagens, designada *She Moves(8)* (Figura 5). Este conjunto foi apresentado como sequência fotográfica, como vídeo, como *artist book* e como fotografia intervencionada com pintura.

Esta exploração do mesmo material numa abordagem transmedia permitiu reforçar a discussão das ideias apresentadas no início deste artigo, nomeadamente sobre a questão da relatividade do conhecimento. Quando se observa cada uma das abordagens percebe-se uma narrativa diferente das restantes. Ao mesmo tempo, quando percorremos várias narrativas compreendemos alguma coisa que está acima delas, que de algum modo é transcendente a cada uma delas.



Figure 5 - She Moves(8) (imagem 20), 2014

Conclusão

O trabalho apresentado neste artigo continua em desenvolvimento, explorando as ideias apresentadas através de diversos media. Em particular, a abordagem transmedia revelou-se promissora através da exploração da sequência *She Moves(8)*, e de abordagens com pintura. O facto de existir uma ideia agregadora de todas as abordagens apresentadas parece ser um aspeto importante, porque permite manter a coerência de um corpo de trabalho coerente.